

# *Maria Avosani e a Companhia das Catequistas\**

Delir Brunelli, CF

## **Introdução**

As pesquisas sobre a Igreja Católica da primeira metade do século XX, na região catarinense do Médio Vale do Itajaí, mencionam Maria Avosani associada à educação. Esse tributo lhe é devido por mérito próprio e também por ter sido uma das primeiras integrantes da Companhia das Catequistas, que surgiu em 1915 na localidade de Rodeio, com finalidade educativa. Sem negar ou diminuir o valor desse dado, reconhecidamente histórico, deseja-se ressaltar, aqui, também outros aspectos da experiência de fé e da ação de Maria Avosani, em especial a possibilidade de uma nova proposta de vida consagrada para mulheres, com amplo significado evangelizador.

São inúmeros os fios que tecem o cenário sócio-eclesial das primeiras décadas do século XX, na região do Médio Vale do Itajaí. Serão mencionados apenas alguns deles, particularmente importantes para a compreensão do contexto em que viveu e atuou Maria Avosani.

Em primeiro lugar, convém lembrar a situação dos imigrantes que chegaram a Santa Catarina a partir do final do século XIX, e sua grande luta para conquistar espaço de cidadania e conseguir recursos que lhes permitissem levar uma vida digna. Na área da educação, destaca-se o fortalecimento das escolas paroquiais, mantidas pela Igreja Católica, entrando em conflito com o movimento em favor da instrução pública, da parte do governo italiano e da Sociedade *Dante Alighieri*. Em contrapartida, o esforço do governo brasileiro pela nacionalização do ensino.<sup>1</sup>

Quanto à Igreja, continua a implantação do modelo tridentino, especialmente através de missionários pertencentes a congregações religiosas, com forte acento sobre a doutrina e a prática dos sacramentos. É importante lembrar também a situação subordinada das mulheres, tanto nas famílias, quanto nas comunidades eclesiais, sem muitas perspectivas além do casamento.<sup>2</sup>

## **A coragem de abrir caminhos**

Na primeira década do século XX, as escolas paroquiais da região de Rodeio - SC começaram a enfrentar sérias dificuldades, entre elas a desistência de antigos professores, imigrantes italianos, que deixavam o magistério alegando motivos de idade, saúde ou questões familiares.<sup>3</sup> O primeiro apelo veio da escola paroquial de Aquidabã, atualmente Apiúna, que ficou sem professor no início de 1913. A par da situação, o pároco Frei

---

<sup>1</sup> Sobre os conflitos entre as escolas paroquiais e as escolas da Sociedade Dante Alighieri pode-se ver: OTTO, Clarícia. *Catolicidades e Italianidades. Tramas e Poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Editora Insular, Florianópolis, 2006 (esp. pp. 50-67 e 112-124), com boa indicação de fontes e referências bibliográficas.

<sup>2</sup> A Vida Religiosa Consagrada feminina era incipiente em Santa Catarina no início do século XX. As Irmãs da Divina providência chegaram em 1895 e, no mesmo ano, foi fundada a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, em Nova Trento. Até 1915 estavam presentes apenas as duas congregações, com poucas casas espalhadas pelo Estado. Cf. PIAZZA, Walter F. *A Igreja em Santa Catarina*. Edições do Governo do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1977, pp. 131-136. Citado por: VALLANDRO, Ede Maria. *Em resposta ao clamor do povo...* Joinville, 1990, p. 45.

<sup>3</sup> Uma síntese sobre as escolas paroquiais de Rodeio e suas dificuldades pode ser encontrada em: VALANDO, Ede Maria. Op. cit. pp. 51-56. Síntese baseada especialmente nas obras de: FINARDI, José E. A questão escolar nas colônias italianas da antiga Colônia Blumenau. In: *Blumenau em Cadernos*, tomo XIX; BERRI, Alessio. *A Igreja na colonização italiana no Médio Vale do Itajaí*. Casa Dr. Blumenau, Blumenau, 1988.

Polycarpo Schuhen buscou resolver o problema. Mas a quem recorrer? Até aquele momento a educação nas escolas paroquiais tinha sido realizada por homens e já não havia quem substituísse os que estavam se afastando.

Diante do desafio da realidade, o sábio franciscano decidiu buscar outra saída. Depois de trocar idéias com seus co-irmãos, levou a proposta à reunião das Filhas de Maria e da Ordem Franciscana Secular. Uma das jovens, Amábile Avosani, aceitou o desafio. Preparou-se durante dois meses na casa das Irmãs da Divina Providência e, em agosto, assumiu a escola de Aquidabã. Era a primeira mulher a exercer o ofício de mestra nas escolas paroquiais da região e foi bem acolhida pela comunidade.

Em 1914, também os professores da escola do povoado de Rodeio comunicaram que se afastariam no ano seguinte. Avaliando como positiva a experiência de Aquidabã, Frei Polycarpo renovou o convite às Filhas de Maria e Franciscanas da Ordem Terceira Secular. Agora eram necessárias duas mestras e elas se apresentaram: Maria Avosani, irmã de Amábile, e Liduína Venturi.

Durante os meses seguintes, Maria e Liduína prepararam-se para a nova tarefa no Convento Menino Deus, com a ajuda de Irmã Clemência Beninca, que já acompanhava Amábile.

Frei Polycarpo estava satisfeito com a solução encontrada, mas não completamente tranquilo. E se aquelas jovens desistissem no meio do caminho? Ele havia apostado nas mulheres, é verdade, mas pressionado pela urgência e pela falta de outras opções. A visão cultural da época acerca das mulheres não permitia que se dissipassem todas as dúvidas. Por isso, era melhor certificar-se quanto à disposição daquelas jovens, em relação à tarefa que estavam assumindo.

No dia 14 de janeiro de 1915, as três foram a Rodeio 50 para serem apresentadas ao povo, durante a missa na capela de São Virgílio. Antes da celebração, Frei Polycarpo as chamou à sacristia e fez a pergunta que o inquietava: “*Vocês prometem ficar, pelo menos, um ano?*”.

Nenhuma delas havia pensado em colocar limites à doação. Por isso, soou estranha a pergunta de Frei Polycarpo. Merecia, no entanto, uma resposta. E foi Maria quem se adiantou, cheia de coragem e brilho nos olhos, certa de que falava também em nome de suas companheiras: “*Um ano, não, padre. Nós queremos ficar sempre!*”<sup>4</sup>

Em resposta a um chamado, estava aberto um novo caminho, uma via destinada a ultrapassar fronteiras e a ser percorrida por centenas de outras jovens, atraídas pela mesma proposta e interpeladas pelo mesmo Espírito.

### **Uma porta “não habitual”**

Maria nasceu na localidade de São Pedrinho, município de Rodeio, situado no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Era a quinta e última filha do imigrante italiano Carlos Avosani e de Redegundes Noll. Recebeu no batismo o nome de Maria Estefânia, por ter nascido no dia 26 de dezembro, quando se comemora a festa de Santo Estêvão.

Quando assumiu a direção e o magistério na escola paroquial de São Virgílio, no início de 1915, tinha completado 23 anos de idade. Compartilhava, com toda a família, a vida simples e austera dos camponeses, dividindo seu tempo entre os afazeres domésticos e o trabalho na lavoura. Ajudava também na fabricação caseira de charutos.

---

<sup>4</sup> Cf. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit. pp. 67-77.

Não foi nada fácil deixar a casa paterna, depois da saída inesperada de sua irmã Amábile. Além do espaço vazio que Maria deixaria na convivência e nos trabalhos da família, a mãe tinha outras preocupações. Era normal ver as filhas partirem de casa para iniciar uma nova família ou até mesmo para ingressar na Vida Religiosa. Mas com Amábile tinha sido diferente e agora Maria estava seguindo o mesmo caminho. Como poderia ficar tranqüilo um coração de mãe, diante do incerto e não costumeiro?

A Legenda de Santa Clara de Assis relata que esta jovem, “*com uma força que lhe pareceu extraordinária*”, abriu “*uma porta não habitual*” para sair de casa, quando decidiu seguir Jesus Cristo à semelhança de Francisco de Assis.<sup>5</sup> Muitas vezes, é assim que o chamado de Deus se concretiza: exige coragem e até uma certa ousadia, porque ultrapassa a esfera do já conhecido e inclui a incerteza e o risco.

Falando dos primeiros passos do novo grupo, Ede Maria assim se expressa:

“Não conheciam a estrada a percorrer. Muito menos anteviam o que lhes estava adiante. Isso não as preocupava. Fortalecidas pelo mútuo apoio, pelo respeito que logo lhes adveio da parte do povo, pelo alegre encontro diário com os alunos, e encorajadas pelas sábias palavras de Irmã Clemência e pela firme orientação do pároco, com serenidade, iam fazendo o caminho, passo a passo, graças à luz que lhes nascia de cada avanço, seguras de que as conduzia a amorosa providência daquele por cuja causa haviam feito a generosa entrega de tudo e de si mesmas”.<sup>6</sup>

### **Uma proposta de vida: “Chamem-se Catequistas”**

Ainda nos primeiros meses de 1915, outras jovens foram se apresentando, dispostas a assumir o trabalho nas escolas. Até a metade de junho, mais cinco haviam passado pelo estágio no Convento Menino Deus.

No início do ano, depois de ouvir seu coadjutor Frei Modestino e as Irmãs da Divina Providência Clemência e Ermentrudes, Frei Polycarpo havia comunicado às três jovens que formariam uma agremiação, à qual se ligariam apenas pela profissão na Terceira Ordem de São Francisco. Nada, portanto, de muito especial que exigisse ulteriores aprovações por parte da Igreja. Mas agora o grupo estava crescendo e uma nova tarefa se impunha: comunicar ao bispo diocesano a sua existência.

Os fatos foram relatados com detalhes a Dom Joaquim Domingues de Oliveira, de Florianópolis, por ocasião de sua visita pastoral à paróquia de Rodeio, em julho de 1915. O bispo ouviu tudo com interesse e reconheceu que a agremiação estava bem encaminhada e tinha suficiente consistência para receber sua primeira aprovação. Como ainda não fora “batizada”, o próprio bispo escolheu o nome: “*As Professoras Terceiras, vivendo em certa comunidade, chamem-se Catequistas e, todas unidas, formem a Companhia das Catequistas*”.<sup>7</sup>

Em poucas palavras, Dom Joaquim conseguiu expressar a proposta de vida assumida pelo grupo. Em primeiro lugar, *professoras*. As jovens tinham sido convocadas a partir da carência de professores para as escolas paroquiais. O serviço da educação, portanto, era sua finalidade primeira. Mas o título profissional recebeu um qualificativo: professoras *terceiras*. A dimensão franciscana marcaria o jeito de educar, a forma de se colocar no meio do povo e a seu serviço.

<sup>5</sup> Cf. LSC 7,6-7. In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis, Vozes/FFB, 2004, p. 1793.

<sup>6</sup> VALANDRO, Ede Maria. Op. cit. p. 79.

<sup>7</sup> *Crônica da Companhia das Catequistas*, LI, fls. 6v. Arquivo da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Joinville-SC. Em 1935 a “Companhia das Catequistas” foi aprovada como congregação religiosa diocesana e conservou o mesmo nome. Só bem mais tarde, em 1958, o nome foi mudado para “Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas”.

O terceiro aspecto foi mencionado como *vivendo em certa comunidade*. A obrigação da vida comunitária era bastante rígida nas congregações religiosas daquele tempo. As comunidades eram formadas por no mínimo três irmãs e seu estilo de vida incluía muitos atos em comum, a começar pela missa diária e pelas orações em vários momentos do dia. Nossas jovens não tinham esse estilo de vida. Iam para o interior, onde não havia possibilidade de missa diária. No início, não tinham casa própria, mas residiam com famílias do lugar. Mesmo depois que passaram a morar em pequenas casas ou alojamentos construídos pelos colonos, geralmente anexos à escola, as “mestras” não se isolaram, mas continuaram no meio do povo. Ao falar que as professoras terceiras viviam em “certa comunidade”, o exímio canonista Dom Joaquim reconhece e serenamente acolhe essa diferença.<sup>8</sup>

“*Chamem-se Catequistas e, todas unidas, formem a Companhia das Catequistas*”. A proposta de vida ganha força no nome. Numa época em que as mulheres ainda tinham pouco acesso aos ministérios nas comunidades eclesiais, um grupo de jovens encontra sua nova identidade no ministério da catequese. Com o passar do tempo, foi se ampliando a compreensão e o alcance desse ministério. Mas o horizonte da educação da fé, associado à educação para a cidadania, continuou sempre presente na evolução do grupo, como proposta de vida e missão.

### **Um estilo de vida e um jeito de evangelizar**

Em poucos anos, o estilo de vida foi se firmando e algumas características tornaram-se peculiares: o número de duas - raramente três - em cada residência; a vida simples no meio do povo; a educação como o principal serviço; a presença em lugares onde não havia padres nem outras religiosas; o uso de vestes camponesas como as demais mulheres da região; a dedicação ao trabalho, incluindo os afazeres domésticos e a agricultura.

Esse modo de viver as aproximava muito do povo. Eram as *mestras* (maestre), nome preferido ao de “Catequistas” e devidamente precisado: “as *nossas* mestras” (le nostre maestre). Estavam ali prestando um serviço, mas também com-vivendo, com-partilhando as alegrias e sofrimentos, as lutas e esperanças do povo (cf. GS 1). Assim é o jeito franciscano de seguir o Mestre e viver o seu Evangelho.

A aproximação à vida do povo, considerada no início e também hoje um grande valor a ser cultivado, em alguns momentos foi alvo de críticas e provocou um certo sentimento de inferioridade. Muitos achavam que as Catequistas deviam ser como as outras religiosas; alguns pais não queriam deixar suas filhas ingressarem na Companhia porque o estilo de vida era muito inseguro; as próprias Catequistas, por vezes, sentiam-se inferiores quando se comparavam às irmãs das congregações conhecidas. Por isso, quando as pessoas diziam “elas são *das nossas*” (sono *delle nostre*) nem sempre se tratava de um elogio, mas podia indicar uma certa “pena” ou menor consideração.

Frei Polycarpo, que bem sabia avaliar a diferença e o significado daquele projeto de vida, não demonstrava insegurança nem se deixava influenciar por outras propostas. Segundo irmãs que o conheceram, ele costumava repetir com firmeza e serenidade: “*Sejam irmãs do povo!*”. Estava em jogo a missão assumida, da qual fazia parte todo um conjunto de características que deviam ser preservadas com fidelidade. Isso para que as Catequistas se

<sup>8</sup> Cf. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit. pp. 82-86. Dom Carlos Eduardo SABÓIA DE MELLO, naquele tempo seminarista, recorda as explicações de Frei Polycarpo sobre a vida do grupo: “(...) De duas em duas haviam de morar em casa própria, feita pelos próprios sócios da capela; teriam um terreninho fechado para cultivar algo para seu sustento, ao redor da escola, e em nada se distinguiriam das outras moradoras do lugar, senão pelo lenço com que cobriam a cabeça. Dariam aulas na escola paroquial durante a semana; nos domingos, fariam a reza na capela como se fosse à hora da missa. (...)”. *Carta de 06.06.1965*. Arquivo da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, Joinville-SC.

sentissem livres e pudessem “*entregar-se à sua nobre vocação e missão*”, como foi escrito na Crônica da Companhia, dez anos depois de sua fundação:

“Todas são membros da Ordem Terceira do grande Patriarca São Francisco de Assis, vivendo em castidade, pobreza e obediência, porém não fazem votos, estando, assim, na possibilidade de entregar-se inteiramente à sua nobre vocação e missão”.<sup>9</sup>

### **As primeiras dificuldades e mudanças**

O grupo foi crescendo. Em 1916, o número chegou a 20 Catequistas em 07 escolas; dez anos depois da fundação, em 1925, as “mestras” eram mais de 40 e atendiam a 22 escolas.

Desde 1916, todas se reuniam na casa central de Rodeio uma vez por semana, ou quinzenalmente as que se encontravam mais distantes, para momentos de formação, orientação pedagógica e preparação das aulas. Também o tempo das férias anuais era passado em conjunto. Tinham a ajuda de Frei Polycarpo, de Irmã Clemência Beninca e, a partir de 1924, também de Irmã Ambrosina Van Beck. Não menos valiosa era a ajuda mútua, expressa na troca de experiências, no encorajamento recíproco diante das dificuldades, na busca de solução para os problemas que iam surgindo.

A casa velha e desconfortável, a comida e as vestes pobres, as longas caminhadas com os pés descalços, nada disso as amedrontava. A irmandade entre elas crescia e tornava leve a pobreza.<sup>10</sup> Era assim que vivenciavam, no dia-a-dia, aspectos importantes da vocação franciscana.

Mas não faltaram dificuldades maiores, como duas mortes por febre tifóide, em 1916, e mais duas baixas, uma por doença e outra para ingressar numa congregação religiosa, bem como as privações para a reforma e aumento da casa de Rodeio. Especial destaque merece a transferência de Frei Polycarpo para Santo Amaro da Imperatriz, perto de Florianópolis, no início de 1917.

Enquanto aguardava a chegada do novo pároco Frei Nicodemus Grundhoff, seu confrade Lucínio Korte fez um registro importante no Livro de Tombo da Paróquia de Rodeio, o primeiro em ordem de data sobre as Catequistas. Depois de falar sobre a transferência de Frei Polycarpo e sobre a atividade desenvolvida nos seis anos em que permaneceu em Rodeio, entre elas a feliz idéia de convocar mulheres jovens para substituir os professores nas escolas paroquiais, Frei Lucínio continua:

“Para assegurar o futuro das Catequistas que, por amor de Deus, se dedicam ao espinhoso cargo da educação e instrução das crianças, o Revmo. Pe. Polycarpo deu-lhes o caráter de agremiação, tanto que o número das jovens apostólicas ‘Catequistas’ ia aumentando. Comprou uma casa com colônia para a nova agremiação. Encontrou para isto um ótimo auxiliar na pessoa do Senhor Cereale e sua mulher que lhe forneceram em grande parte os meios pecuniários. Uma vez por semana, em dia de vacância escolar, as Catequistas já adicionadas a diversas escolas se reuniam nessa casa e, depois, na escola paroquial, recebiam uma conferência religiosa, dedicando-se durante o dia ao preparo das lições e no aprofundamento dos estudos respectivos, sob a direção da mencionada Irmã Clemência.

“Ao deixar a paróquia, o Revmo. Pe. Polycarpo teve a satisfação de ver regidas por Catequistas sete escolas paroquiais. Assim, o novo vigário de Rodeio recebeu das mãos de seu antecessor uma feliz herança de vinte e cinco Catequistas, todas imbuídas de espírito profundamente religioso, contentes, humildes, que se consagram com ardor ao ensino religioso e elementar da infância. Vivem nos edifícios escolares dos diversos centros da paróquia ou em casas apropriadas, ao menos duas em cada residência. Os meios de vida elas os obtêm em parte de contribuições dos pais dos alunos e, em parte, do trabalho de mão, do cultivo das terras a elas cedidas.

<sup>9</sup> *Crônica da Companhia das Catequistas*, LI, fl. 1.

<sup>10</sup> VALANDRO, Ede Maria. Op. cit. p. 86.

“(…) Durante as férias, todas as Catequistas dos diversos centros se recolhem à Casa-Mãe. Durante este descanso necessário do trabalho letivo do ano, não perdem de vista o próprio aperfeiçoamento profissional, dedicando algumas horas do dia ao estudo em comum das matérias do programa do curso primário e dos processos didáticos e metódicos a seguir”.<sup>11</sup>

No período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o governo federal trabalhou pela nacionalização do ensino em todo o Brasil. Segundo o testemunho de Dom Carlos Eduardo Sabóia de Mello, então seminarista, Frei Nicodemus só conseguiu defender as escolas paroquiais de Rodeio porque provou que contavam com professoras brasileiras e bem formadas.<sup>12</sup>

### **A crise e o amadurecimento**

Frei Polycarpo voltou a Rodeio no início de 1920 e permaneceu até março de 1926. Com seu precioso acompanhamento, o número de Catequistas chegou a 44, atendendo a 22 escolas. Mas o final desse período foi marcado por forte crise. Em 1925 houve apenas três entradas e sete desistências. Algumas estavam passando para a congregação das Irmãs Salesianas, até com o incentivo de alguns padres.<sup>13</sup>

Sentia-se a necessidade de uma seleção maior na entrada, uma formação mais cuidadosa e um Regulamento que pudesse nortear melhor a vida do grupo. Essa tarefa foi assumida pelo novo pároco Frei Bruno Linden, ajudado pelas Irmãs Clemência e Ambrosina.

A primeira providência foi tomada em junho de 1926, aproveitando a visita do bispo diocesano Dom Joaquim:

“Para ter certeza do rumo a tomar relativamente às Catequistas, o padre vigário foi ter com Sua Excelência. Da entrevista resultou que a Companhia devia ser munida de estatutos e regulamento e, assim, mais facilmente assegurar a estabilidade dela. Em todo o caso, Sua Excelência não reprovou a instituição: antes, muito a recomendou”.<sup>14</sup>

O Regulamento foi logo elaborado pelas mais antigas, com a ajuda das Irmãs da Divina Providência e, provavelmente, também do próprio Frei Bruno. A primeira redação foi apresentada a Dom Joaquim em agosto:

“Lendo os estatutos, o senhor bispo prestou suma atenção ao artigo que se refere à Ordem Terceira e disse: ‘Aí está!’, como a dizer: a legalidade, o fundamento da Companhia está no pertencer à Ordem Terceira”.<sup>15</sup>

Sendo assim, com base na Regra da Ordem Terceira Franciscana, foi elaborado o novo Regulamento, enviado a Florianópolis em novembro do mesmo ano. A vida das catequistas começava a tomar uma direção diferente da inicial, muito mais parecida com aquela das congregações religiosas.

Embora ainda sem a aprovação definitiva de Dom Joaquim, o Regulamento foi apresentado às Catequistas no retiro de dezembro e logo posto em prática. Houve reação e até um certo alvoroço. Com as novas exigências, algumas deixaram a Companhia e outras foram

<sup>11</sup> Citado por VALANDRO, Ede Maria. Op. cit. pp. 92-93.

<sup>12</sup> Cf. SABÓIA DE MELLO, Dom Carlos Eduardo. *Carta* de 06.06.1965. Arquivo da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, Joinville-SC.

<sup>13</sup> Percebendo essa tendência, Dom Joaquim havia escrito em 1922, ao visitar a paróquia de Ascurra: “Existe no curato, localizada em várias capelas, a instituição das Catequistas, por nós abençoada e patrocinada e que tão bons serviços vem prestando à causa da instrução religiosa da juventude. Recomendamo-la à benevolência dos Revmos. Vigários. Não nos opomos a que uma ou outra abrace, se julgar conveniente, estado de vida mais perfeito. Mas desejamos que os senhores sacerdotes ou quem quer que seja, não intervenham nem decidam em casos particulares”. *Livro de Tombo da Paróquia de Ascurra*, fls 13 (17.09.1922). Citado por VALANDRO, Ede Maria. Op. cit. p. 128.

<sup>14</sup> *Crônica da Companhia das Catequistas*, LI, fls 12.

<sup>15</sup> Idem, *Ibidem*.

demitidas. Se em 1925 haviam saído sete Catequistas e entrado apenas três, em 1926 saíram nove e não entrou nenhuma! Os problemas foram tantos que a Companhia correu o risco de ser dissolvida.<sup>16</sup>

A situação começou a melhorar no ano seguinte. Frei Bruno foi conhecendo melhor o grupo e insistiu com Dom Joaquim para que aprovasse o Regulamento. Em sua resposta, Dom Joaquim reconhece a Companhia das Catequistas como obra de Deus, aprova o Regulamento e deseja que esta aprovação seja ratificada pelo bispo da nova diocese de Joinville, à qual Rodeio passa a pertencer. Sugere ainda que a Companhia tenha uma diretoria própria.

Durante 14 anos, a função de diretora tinha sido exercida por Irmã Clemência Beninca. Mas agora, após a grande crise, o grupo havia amadurecido e podia começar uma nova etapa. No início de 1929, Maria Avosani foi nomeada, provisoriamente, Superiora da Companhia das Catequistas. Frei Bruno escreve a Dom Joaquim:

“As Catequistas vão bem. Seguindo o conselho de Vossa Excelência, nomeou-se a superiora, Maria Avosani, uma das primeiras que entraram. Se tudo não for engano, a Companhia vai progredindo. Atualmente há nove noviças... Todos os vigários vizinhos estão pedindo o auxílio das Catequistas e me convenço da palavra de Vossa Excelência: esta instituição é uma obra divina”.<sup>17</sup>

A experiência de uma animadora da própria Companhia foi aprovada pelas Catequistas e, na assembléia eletiva realizada no final do ano, Maria Avosani foi confirmada no serviço com o voto das 51 companheiras<sup>18</sup>.

### **Irmã entre as irmãs**

Nas assembléias seguintes, Maria Avosani foi sempre reeleita. Esse fato, no entanto, não a tornou superior às demais Catequistas. Assumiu o que as companheiras lhe pediam como um serviço, um verdadeiro ministério. Por isso, nunca usou para si o título “superiora”. Como cristã atenta ao Evangelho, lembrava que Jesus havia dito aos discípulos, quando discutiam sobre quem seria o maior: “*Os reis das nações exercem poder sobre elas, mas entre vocês não deve ser assim... Eu estou no meio de vocês como aquele que serve*” (Lc 22,26-17).

A grande proposta de Clara e Francisco de Assis é a irmandade, sem discriminações e sem hierarquias. Assim quis viver Maria Avosani. Por isso, quando o título “maestra” foi sendo substituído pelo título “irmã” - na década de 1940 -, aceitou-o para si e para suas companheiras, não como indicativo de algum privilégio, mas dando-lhe o verdadeiro sentido evangélico. Era, de fato, irmã entre as irmãs e também “irmã do povo”, como havia recomendado Frei Polycarpo.

Com a mesma simplicidade acolhia as irmãs e seus familiares, os padres e o bispo, as pessoas que a procuravam. Com a mesma dedicação administrava a casa, participava dos trabalhos domésticos, fazia as compras, ajudava na roça, cuidava do quintal e dos animais. Ao visitar as irmãs, muitas vezes preparava o almoço enquanto esperava que elas voltassem da escola. Tinha aprendido a trabalhar “com as próprias mãos” e “com devoção”, como fizeram Clara e Francisco de Assis.

No atendimento pessoal a cada irmã, ouvia o que tinham a dizer, alegrando-se com suas realizações, alimentando seus sonhos e animando-as a enfrentar com coragem as dificuldades e contratempos da vida cotidiana.

<sup>16</sup> Cf. VALLANDRO, Ede Maria. Op. cit. 131-138.

<sup>17</sup> *Carta de Frei Bruno a Dom Joaquim*, 26.03.1929. Citada por VALANDRO, Ede Maria. Op. cit. p. 142.

<sup>18</sup> Cf. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit. p. 143.

A irmandade que o grupo ia tecendo não se limitava ao grupo de catequistas. Incluía os familiares das irmãs e das aspirantes, a comunidade escolar e outras pessoas da comunidade local. Associava, em particular, as famílias que recebiam as mestras até que fosse construído o alojamento em cada nova escola. Em Rodeio, durante vários anos, foram acolhidas algumas pessoas idosas que compartilhavam os serviços da casa e da lavoura com as Catequistas, como família alargada que se beneficia da entre-ajuda e do mútuo aprendizado.

Esse modo de ser era ditado muito mais pelo espírito franciscano do grupo do que pelo Regulamento da Companhia. Estar junto e com-viver, participar somando forças, trocar saberes e partilhar carismas, era o dia-a-dia do grupo e de cada pequena fraternidade. Isso valia para a celebração dos êxitos e também para o enfrentamento das dificuldades e crises.

### **Educadora no cotidiano**

Durante 14 anos Maria Avosani foi mestra e diretora da escola paroquial de São Virgílio, em Rodeio 50. Nos outros 16 anos de sua vida exerceu o ministério do governo da Companhia das Catequistas. Nas duas situações mostrou que tinha alma de educadora. Mais do que grandes ensinamentos em ocasiões especiais, aproveitava as oportunidades do cotidiano para provocar nas pessoas a capacidade de cultivo, o espírito de busca, o desejo de crescimento.

Era pessoa otimista e tinha o semblante sereno. As exigências da vida na família e, depois, como Catequista, haviam suscitado nela coragem, disposição para a luta, paciência histórica, espírito de solidariedade. Acreditava nas pessoas, em sua capacidade de vencer obstáculos e descobrir caminhos. Sabia ouvir sem julgar. Sabia ser tolerante sem perder a firmeza. Sabia admoestar e corrigir sem humilhar. Compartilhava as alegrias e sofrimentos das pessoas e tinha a palavra certa para cada uma, em cada situação.

No exercício do ministério do governo da Companhia, era firme em suas decisões e exigia de todas participação ativa e co-responsável. Prezava as iniciativas de cada uma e valorizava as diferentes opiniões. Não impunha suas idéias nem agia com autoritarismo, mas buscava o diálogo e a conversa amável. Preferia que a decisão emergisse não de argumentos unilaterais, mas do discernimento feito em comum. Com a sabedoria que a vida lhe conquistara, servia-se dos preciosos momentos do cotidiano para interagir e falar ao coração de cada uma, cultivar o sonho da origem e despertar para a missão.

Outro aspecto importante de seu perfil de educadora era a sensibilidade em acolher o diferente. Num tempo em que ainda não se falava em ecumenismo e diálogo intercultural, recomendava às mestras o respeito aos alunos de outras igrejas cristãs e pedia que aprendessem o polonês e o alemão para melhor compreender os alunos e suas famílias.<sup>19</sup>

Reconhecia a importância da formação humana, cristã, profissional. Valorizava as leituras, o estudo sistemático e as diferentes programações com caráter formativo. Quando em 1942 foi criado, em Rodeio, o Curso Complementar de dois anos, apressou-se em matricular as aspirantes aptas a frequentá-lo, mesmo sabendo que isso atrasaria a entrada no noviciado. Percebeu também a necessidade de incentivar as irmãs a continuarem os estudos. Em 1945, ano de sua morte, as duas primeiras iniciaram o Curso Pedagógico de segundo grau, em Porto União.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Cf. Carta de 10.03.1936. Arquivo da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, Joinville - SC

<sup>20</sup> Cf. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit. pp. 200-201.



## Espírito missionário

No início do século XX, o conceito de missão incluía o deslocamento para regiões distantes, quase sempre fora da pátria de origem. Nesse aspecto, as Catequistas não eram “missionárias”. Deixavam a família, é verdade, mas iam relativamente perto, em viagem feita a pé ou numa simples e lenta charrete. Não iam para terras desconhecidas, em meio a povos indígenas ou estrangeiros, mas para o meio de sua própria gente.

Ao ler a primeira página da Crônica da Companhia, onde estava escrito que as Catequistas não faziam votos, “*estando, assim, na possibilidade de entregar-se inteiramente à sua nobre vocação*”, Frei Bruno acrescentou “*e missão*”. Em várias ocasiões as considera “teresianas” ou fala de sua grande padroeira Santa Teresinha. Em 1929, relata que Dom Pio de Freitas pregou retiro para as Catequistas e as animou a continuar vivendo como “*filhas de São Francisco e discípulas de Santa Teresinha*”. Esses fatos são significativos, levando em conta que até aquele momento não haviam ultrapassado as fronteiras de Santa Catarina.<sup>21</sup>

A intuição do missionário franciscano alemão tem fundamento. Na grande maioria dos casos, as Catequistas eram enviadas a comunidades rurais de difícil acesso, com um mínimo de recursos, onde a vida era exigente em todos os sentidos e até o padre custava a chegar. Comunidades que não eram atendidas pelas poucas congregações religiosas da época, porque não lhes ofereciam a indispensável segurança e assistência espiritual. Era necessário, portanto, um grande espírito missionário para se deslocar de Rodeio e conviver no meio do povo dessas comunidades.

Revisitando a história com nosso conceito atual de missão, percebe-se que o “sim” pronunciado pelas três primeiras, no dia 14 de janeiro de 1915 na capela de São Virgílio, em Rodeio 50, não indicava apenas a disposição para um trabalho específico numa escola, mas sinalizava, de fato, um compromisso missionário. A resposta de Maria Avosani “*queremos ficar sempre*” expressa, de forma simples e clara, uma consciência que foi crescendo e se firmando nos anos seguintes.

As Catequistas não formaram apenas um grupo de trabalho, uma associação prestadora de serviço, por mais nobre que fosse o trabalho da educação escolar. Sentiram-se, desde o início, investidas de uma missão, enviadas a viver no meio do povo a desafiadora proposta franciscana e a contribuir na educação da fé de crianças e jovens e na formação de cidadãos e cidadãs para uma sociedade em mudança.

Um claro registro do espírito missionário que animava o grupo é feito pelo cronista da paróquia de Rodeio em 1939:

“O que Santa Teresinha, grande padroeira das Catequistas, ardentemente desejou e não pôde praticar por ser carmelita com votos, as Filhas de São Francisco e de Santa Teresinha, as Catequistas, desejam e põem em ação: andam por toda a parte, evangelizando e semeando a palavra de Jesus...”<sup>22</sup>

Maria Avosani viu a Companhia ultrapassar as fronteiras de Santa Catarina em 1932, quando foi aberta a primeira casa no Paraná. Em 1944, ao receber o pedido de Dom Vunibaldo Talleur para que enviasse três ou quatro irmãs à Prelazia da Chapada, no centro-norte do Mato Grosso, manifestou-se favorável. Mas já se encontrava gravemente enferma e partiu em 20 de fevereiro de 1945, deixando este sonho como herança para ser concretizado dois anos depois, como bênção enviada desde a Casa do Pai.

<sup>21</sup> VALANDRO, Ede Maria. *Um chamado se faz caminho*. Joinville, 1986, pp. 51-53.

<sup>22</sup> *Crônica da Companhia das Catequistas*, L8, fls. 29v. É bom lembrar que Santa Teresinha foi proclamada Padroeira das Missões em 1927.

## Conclusão

Em todos os tempos, o Espírito Santo suscita na Igreja mulheres e homens que se apaixonam por Jesus Cristo e o seguem com fidelidade criativa, abrindo caminhos para que outras pessoas também assumam com alegria e coragem a mesma proposta de vida. Essas mulheres e homens tornam-se sinal da presença amorosa de Deus no meio de seu povo e memória da vocação missionária de toda a Igreja.

Assim foi Maria Avosani. Ela soube ouvir as interpelações do Espírito, expressas nos apelos e necessidades dos pobres do seu tempo, e sua resposta se fez luz e profecia na comunidade eclesial, e caminho para outras mulheres também dispostas a seguir Jesus Cristo e abraçar sua missão. Não fez coisas humanamente extraordinárias, mas na simplicidade de sua vida encarnou o Evangelho entre os pequenos e preencheu de sentido o seu cotidiano. Não se acomodou à rotina diária, nem se entregou a um ativismo sem sonhos; não buscou grandezas e glórias, nem permitiu que a mediocridade acampasse a seu redor. Pelo contrário, manteve firme seu ponto de partida no chão do povo, mas abriu um horizonte largo porque se deixou atrair por uma grande utopia. Em sua missão como *educadora-missionária-irmã* teceu relações que fizeram a diferença, não só na Companhia das Catequistas, mas na Igreja e na sociedade de seu tempo.

Hoje, as Irmãs Catequistas Franciscanas estão em quase todos os Estados do Brasil e em outros dez países.<sup>23</sup> Sabem que não têm apenas uma bela história para recordar e narrar, mas uma grande história a construir<sup>24</sup>. Sentem-se convocadas a “*ouvir os gemidos dos pobres, o grito da terra ferida, o clamor pela justiça e pela paz*”<sup>25</sup>, recriando para os dias de hoje o sonho das origens. Percebem a presença de Maria Avosani como insistente convite a seguir adiante com coragem e alegria. Louvam a Deus que através de sua serva realizou grandes feitos<sup>26</sup> e repetem o que foi dito de Clara de Assis: “*Alegre-se a mãe Igreja que gerou e educou tal filha!*”<sup>27</sup>

## BIBLIOGRAFIA

- Crônica da Companhia das Catequistas* e outros documentos. Arquivos da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Sede Geral, Joinville - SC.
- AAVV. *Memórias e Sonhos*. Horizonte, Joinville, 2005.
- GASCHO, Maria de Lurdes. *Catequistas Franciscanas: uma antecipação do “aggionamento” em Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado em História. UFSC, Florianópolis, 1998.
- NEOTTI, Lucia. *Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas*. Rio do Sul, s/d.
- OTTO, Clarícia. Associação de professoras para as escolas paroquiais. In: *Catolicidades e Italianidades. Tramas e Poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Editora Insular, Florianópolis, 2006, pp. 156-171.
- VALLANDRO, Ede Maria. *Em resposta ao clamor do povo... A Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas*. Joinville, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Um chamado se faz caminho*. Joinville, 1986, pp. 51-53.
- \_\_\_\_\_. e BONA, Filomena. *Madre Maria Avosani*. Rio do Sul, 1981.
- \_\_\_\_\_. e VALLER, Tereza. *Madre Maria Avosani*. Loyola, São Paulo, 1984.

\* Publicado em: CÂNDIDO, Edinei da Rosa. *Personalidades da História da Igreja de Santa Catarina*. Cadernos Patrísticos 5, Florianópolis, 2008, p. 297-310.

<sup>23</sup> Argentina, Bolívia, Chile, Guatemala, Paraguai, Peru, República Dominicana, Angola, Moçambique, Peru.

<sup>24</sup> Cf. VC 110.

<sup>25</sup> Introdução às Linhas Inspiradoras do sexênio 2007-2012, para a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas.

<sup>26</sup> Cf. Lc 1, 49.

<sup>27</sup> Bula de Canonização, 71. In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Op. cit. p. 1740.